

Às vezes, não ter  
o controle é  
libertador.



Sonhos

em

flor

Estelle Laure



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para Chris – Com você, estou desperta*

*Uma solidão com dez braças de profundidade  
Escora o leito onde nos deitamos, meu bem-querer:  
Embora eu te ame, preciso que salte;  
Nosso sonho de segurança terá que desaparecer.*

— *W. H. Auden*

**ANTES**

*(novembro)*

# A CULPA É TODA DA INTERNET

*Sua mãe fez uma torta de tequila com limão para a sobremesa. Você nem provou porque sobremesas sempre têm sabor de excesso, mas passou a mão na garrafa de Patrón Silver que ela usou na receita e fugiu para o rio. E você ia precisar da bebida porque teria que descer o morro no meio da noite e seu casaco de couro não era quente o bastante para aquele início de novembro. Você foi burra e teimosa e não queria usar um casaco mais grosso porque isso a engordava. Tampouco tinha qualquer proteção para a neve. Nem mesmo coturnos, sua idiota. Estava de sapatilhas. Sapatilhas com esse tempo, Eden! Mas levou a tequila também porque, à exceção daquela conversa bem estranha que tiveram no Fred's, restaurante onde Lucille trabalha, fazia seis semanas que vocês não se falavam, e você pensou que talvez fosse bom contar com uma ajudinha para ambas. Apesar disso, porém, você não culpa a tequila pelo que está acontecendo agora.*

Culpa a internet. Pois foi na internet que achou um site e ficou sabendo que ia haver uma superlua épica, dessas que só acontecem a cada cinco anos, e que o Universo lhe pedia para mudar de atitude.

*Mexa-se ou será arrastado*, dizia o tal site. Era como um alerta de tempestade para a alma. Quase dava para ouvir a voz, quase dava para ver o

sujeito na tela usando um terno vagabundo e acenando para enfatizar o que dizia.

*Um verdadeiro apocalipse está vindo do Sudoeste a cerca de 120 quilômetros por hora, é o que você o imagina dizendo com aquela voz agressiva. Os cidadãos devem ficar de sobreaviso. Ele se destina a todos nós, mas estou me dirigindo particularmente a Eden Jones. Caramba! Este tem endereço certo, garota. O Departamento de Segurança Pública recomenda que você pare de agir como um ser humano normal e fique trancada em casa. De preferência para sempre.*

Se você fosse ingênua o bastante para acreditar num universo que se comunica com os seres humanos (coisa que você não é); um universo com o qual pudesse efetivamente manter uma conversa (coisa que não pode), ia se perguntar por que ele usa aquele blá-blá-blá incompreensível e cheio de estática, formado por planetas e símbolos, achando que as pessoas vão entender alguma coisa.

De início, você desconsiderou o alerta da internet porque astrologia é uma bobagem ridícula, mas depois, como a semana se revelou um verdadeiro desastre, acabou se perguntando se aquilo tudo seria mesmo besteira. As coisas ficaram tão feias que você terminou paranoica em relação à tal lua e ainda mais irritada com a internet, afinal o cérebro é tão poderoso que bastou ler o alerta para ele se tornar verdade. Mas quando Lucille mandou uma mensagem dizendo que precisava vê-la, você achou que, se fosse até lá, as coisas voltariam ao seu entediante ritmo normal, em vez de seguirem para aquele extremo ao qual vinham se encaminhando. Secretamente (até para si), acreditou que poderia acalmar a entidade confusa e inexistente que estava se divertindo à sua custa se fosse ao encontro de Lucille depois de ter sido tão babaca no momento em que ela mais precisou de você.

Claro que nunca foi sua intenção ser mesquinha com ela. Você sempre afirmou que detestava as meninas nojentas da escola e que jamais seria uma delas. Mas desde que Lucille concluiu que seu irmão gêmeo quase-noivo e recém-pegador do pedaço é, na verdade, a alma gêmea

dela, você tem tido muita dificuldade em conviver com a sua amiga sem experimentar impulsos violentos. Sempre que Digby vem com aquela história de estar apaixonado por Lucille e por Elaine, expressando sua angústia e dizendo como está dividido entre o certo e o errado, e *ai, o que devo fazer?*, você fica com vontade de agarrar Lucille pelos ombros e sacudi-la até que a cabeça da garota se solte do pescoço.

Porque, antes de mais nada, se uma garota quer algo da vida, ela nunca deve se colocar no drama de outra pessoa, muito menos ser o pivô desse drama. Em segundo lugar, traição é algo sórdido e vulgar. E terceiro: esse é um conflito de interesses nem um pouco interessante, mas sobre o qual todos querem falar. No início, esse desastre horrível (porque é um desastre) merecia alguma atenção; só que, depois de certo tempo, você começou a achar a coisa toda simplesmente patética.

Assim, com a lua surgindo no céu aquela noite, lá estava você na sua pedra, aquela pedra bem lisa na beira do rio, a mesma que, quando criança, você fingia ser seu trono. E continua fingindo, já que se imagina uma rainha, e o rio é seu reino. Aquela margem, tomada por pedras, árvores antigas e com um velho vagão de trem, é seu lugarzinho particular. Nessa época do ano, os salgueiros estão desfolhados e só exibem o brilho da geadas. São suas árvores favoritas porque sabem se curvar diante de uma dama, mas também porque, se fizermos um corte profundo no tronco, elas choram.

Lucille estava chorando, sentada ao pé dos salgueiros. Parecia uma bola de neve gigante com o casaco e o gorro, e todo o gelo que havia em você começou a derreter assim que ela se virou, mordendo o lábio, roendo as unhas até o sabugo, cruzando e descruzando as pernas, sem parar um minuto sequer e pedindo desculpas a cada movimento que fazia.

Uma garota com o coração nas mãos.

Você ficou feliz por ter ido até lá para poder se lembrar do amor enlouquecido, apaixonado que sentia por ela, e do qual foi tão sofrido



tentar se esquecer, mas também tinha outras ideias. Sua mente, num verdadeiro turbilhão, não parava de remoer pensamentos sobre a mediocridade provinciana dessa cidadezinha em Nova Jersey, sobre seu futuro que nada mais era do que um caminho lamacento e interminável. Fumar três cigarros, um atrás do outro, também não estava ajudando em nada. Aquilo tudo estava tomando seus pulmões. Eles estavam doendo, assim como sua cabeça e seu estômago. E você sabia que precisava – mas não conseguia – parar de fumar daquele jeito.

– Sinto muito, de verdade, pela coisa do balé. – A voz de Lucille fez você grudar na pedra exatamente no instante em que estava a ponto de se levantar e lhe dizer que ia embora para casa. – Você devia continuar.

– Ah, mas com certeza eu vou continuar. – Você teve que se esforçar para não pensar naquela mulher lá em Nova York, com o corpo ossudo debruçado na sua direção e sussurrando ao seu ouvido horrores sobre o seu futuro. – Só que agora eu sei que não vai me fazer bem nenhum. Negação é para fracassados. – E você falou em alto e bom som porque Lucille precisava ouvir aquilo tanto quanto você mesma. – Encare suas merdas e siga em frente. Se não, você vai ficar velha e deprimida, além de se transformar em uma pessoa assustadora com dilemas inúteis. É verdade. – Você deu uma última tragada no cigarro. – Olhe ao redor.

Lucille deu um risinho nervoso, mas aquela previsão muito cômoda não tinha graça nenhuma. E era absolutamente possível. Talvez até provável. As pessoas se instalam diante da televisão e nunca mais se levantam dali porque exige um esforço muito grande. Às vezes, ainda que nunca tenha expressado isso, você acha que seria infinitamente mais fácil desejar uma vidinha besta. Adoraria ter uma daquelas cadeiras reclináveis e uma mente boba e submissa, não essa que parece mais um polvo se debatendo do que um peixe-boi nadando tranquilamente.

Você apagou o cigarro e ficou na ponta dos pés. Esticou bem o corpo, ergueu os braços e perguntou à lua se ela estava satisfeita, agora que

você tinha ido até ali e feito o possível para mudar o rumo das coisas e evitar a tempestade, demonstrando respeito e tratando de reconstruir sua amizade com Lucille.

Foi então que... aconteceu.

Seus pés se desestabilizaram como se fosse uma resposta.

Você escorregou no gelo, tentou não perder o equilíbrio. Tudo aconteceu rápido demais.

Você quis pedir ajuda a Lucille, mas, antes mesmo de conseguir fazer isso, veio a pancada na cabeça. Um barulho bem alto. Dor. Você tentou reagir. Em vão. Já estava dentro da água.

Esperou perder a consciência, mas não perdeu. Pelo menos, acha que não. Suas pernas batiam nas pedras e a água ia entrando nos seus pulmões com mais força do que a fumaça, mas de um jeito igualmente doloroso.

Era um momento de crise. Você sabia disso no seu cérebro de polvo agitado, mas não registrou a informação. Porque você não era mais você. Não estava nem perto de ser você. Não mesmo. Não era sequer humana. Não, garota. Você era o vento folheando as páginas de um livro; era um mar de grama oscilando. Era o salgueiro, chorando, chorando e ao mesmo tempo cantarolando uma cantiga de ninar, e a sensação era gostosa, linda, infinita.

Ei! Preste atenção!

O que lhe digo é um lembrete.

Porque agora você não pesa nada e precisa se lembrar disso para não se esquecer de quem é.

Eden Jones. Eden Austen Jones. Dezesete anos. Filha de John e de Jane Jones. Irmã gêmea de Digby Riley Jones. Melhor amiga de Lucille Bennett. Mora em Cherryville, Nova Jersey, naquele loteamento novinho no alto do morro. A casa dos sonhos dos seus pais. Você mesma escolheu o carpete do seu quarto e a cor das paredes. Você é bailarina. Coleciona trechos de livros escritos por pessoas mais sabidas do que

you, almost all already deceased. Annotates all these passages and repeats them in a loud voice until memorizing them. Dreams of fame. What is it, then, in a name? That which we call rose, even with another name, would have the same sweet perfume. For you, it does not want to say anything and wants to say everything and you are not here.

It was for this that she let herself be carried away.

It is so delicious to be nothing more than a song on a river...

Name of the patient: Eden Jones

Glasgow Coma Scale

Ocular opening: None (1)

Best verbal response: (None) (1)

Best motor response: (None) (1)

Result: 3

Prognosis: Precarious

# LUCILLE E EU FICAMOS DE CALCINHA E SUTIÃ

*Estamos no verão e a água está gelada.* Fico praticamente o tempo todo mergulhada até o pescoço, embora não tenha mais ninguém além de nós duas ali. Minha mãe ainda compra minhas calcinhas na seção infantil e, por isso, tanto a calcinha quanto o sutiã que uso têm umas borboletinhas.

*Já tenho 13 anos, mãe, é o que vivo dizendo.*

A. Mulher. Não. Ouve.

Lucille está usando um sutiã de verdade, daqueles que são abotoados nas costas em vez de enfiados pela cabeça. E é rosa. Tem até renda, porque a mãe dela a trata como uma pessoa. Ela também tem carne suficiente para encher o bojo do sutiã, ao passo que eu pareço mais um cabide humano. A calcinha que ela está usando é preta e bem cavada. Ela fica até com um ar perigoso, como se, por acidente, pudesse nocautear alguém com um rebolado. *Bum. Caiu.* Quando tiramos a roupa para entrar no rio hoje, nós duas tentamos nos cobrir com as mãos. Senti o estômago fervilhar nesse momento.

Não dá para ver Lucille, mas sinto que está por perto, se remexendo sem parar. Não, *remexer* não é a palavra exata. Na verdade, ela está deslizando, cortando a água com o corpo, como se fosse uma faca. Ela se

mudou para Nova Jersey vindo de Los Angeles, onde morou quando era mais nova, e sempre diz que, antes da morte da tia e de os pais herdarem a casa ao lado da minha, ela vivia na praia, surfando com o pai. Mas seja lá o que ela tenha feito em L.A., nós duas não lidamos com a água do mesmo jeito. A água e eu, nós dançamos.

Temos que ficar praticamente o tempo todo nos lugares onde o rio é mais tranquilo porque a minha mãe é tão... argh... *controladora*, como diz meu pai. Cisma que vamos nos afogar se nos afastarmos muito, se deixarmos a correnteza nos levar. *E pode ser que venha até uma tromba d'água.* Sempre pensamos que ela estivesse blefando quando dizia que viria nos vigiar, mas, depois de ter nos seguido algumas vezes, toda sorrateira, paramos de ir muito longe e ela acabou nos deixando em paz. Até que enfim.

Mesmo assim, eu gosto de ir para um trecho do rio que não dá pé, assim posso praticar meus exercícios de balé sem ficar com hematomas ou bolhas. Não me queixo disso com os outros porque faz parte da vida de bailarina, mas nem por isso os machucados doem menos.

Primeira posição, segunda, terceira.

A pessoa tem que ser eficiente no próprio tempo, como se diz, e um dia vou ser a mais célebre bailarina de todos os tempos. Por todo lado, só vai se ouvir *Anna Pavlova? Mikhail Baryshnikov? Nada disso! Agora é Eden Jones. Prestem atenção nesse nome.*

Mamãe e papai nos dizem, a Digby e a mim, que a eficácia e a persistência são o segredo do sucesso. No esporte, nos negócios e no cuidado com os dentes. Passo a língua pelo aparelho e viro o rosto para o sol, para que queime minhas bochechas. Gosto do jeito como ardem. Bastam cinco segundos para eu ficar queimada, por causa do meu tipo de pele, portanto, não adianta lutar contra isso, a menos que eu vá passar as férias de verão com roupa dos pés à cabeça.

Lucille joga água em mim e os respingos parecem até um pó mágico.

Faz pouco tempo que comecei a dizer palavrões. Adoro, então aproveitar para praticar com Lucille, experimentando o som duro das consoantes, os sibilados, a sonoridade do *p*. E saio nadando atrás dela.

Ela agarra uma das minhas pernas e me puxa. Ergo os braços, não para tentar não afundar, mas porque devemos ser tão graciosas na vida quanto somos no palco, nos exercícios, a todo instante. É o que diz Madame Renée.

Afundo.

*Submergir*. Adoro essa palavra.

Nas aulas de biologia do sétimo ano, estudamos os olhos. Isso meio que os estragou para mim, pois passei a avaliá-los aos pedaços. Não consigo evitar. Não sei se eles são as janelas da alma, como costumam dizer por aí, mas revelam algo muito importante. Aqui na água, com Lucille, nós duas de mãos dadas, disseco os olhos dela, aqueles olhos que conheço tão bem.

Íris: azuis.

Pupilas: dilatadas.

Cílios: longos e escuros.

Esclerótica: branca.

Mais...

Pele: bronzeada.

Cabelo: louro.

Lábios: de modelo (que saco isso!).

Pernas: compridas.

Seios: presentes e bem visíveis.

Curvas: maravilhosas.

Lucille: melhor amiga.

Ela balança a cabeça para a frente e para trás e seus cabelos se abrem num halo de algas marinhas.

Mas tem alguma coisa errada.

Ficamos debaixo da água por um bom tempo e Lucille está se modificando.

Seu rosto está ficando simultaneamente mais comprido e menor. O cabelo vai caindo e se espalhando. Não são mais os olhos de Lucille.

Íris: verdes e castanhas com as bordas azuis.

Pupilas: loucamente dilatadas.

Cílios: curtos e pretos.

Esclerótica: quase imperceptíveis.

Pele: morena.

Cabelo: uns poucos tufo.

Lábios: o superior é mais fino.

Pernas: musculosas.

Seios: não tem quase nada nessa área.

Curvas: nenhuma.

Nome: desconhecido.

A garota que não é Lucille, que tem tatuagens de anjos nos braços, abre a boca como se estivesse tentando me dizer alguma coisa. Um bolha sobem à superfície. É onde quero estar. Bato as pernas, mas ela me detém e agarra meus pulsos.

Ela não me larga.

Uma flor brota de seus lábios. É preta. Uma criatura aquática que sai nadando.

Quero subir. Emergir. Sair.

Começo a me debater para me soltar. Volto a olhar para ela. Quanto mais subo, mais ela afunda. Chego à superfície, ergo os braços para o céu noturno, para o meu corpo mais alongado e aterrisso no meu quarto.

Agora.

Sei que é agora, e não outro momento qualquer, por causa dos pôsteres na parede e dos pares de sapatilhas alinhados, desde o primeiro, quando eu tinha 8 anos, até o que comprei no ano passado. Também sei porque o meu livro continua ali em cima da mesinha de cabeceira. Meu

diário ainda está num canto da escrivaninha. Minhas fotos com Lucille presas no painel. Dentro da escrivaninha há uma caixa cheia de citações, diários que compro jurando que vou usá-los e fotos de apresentações de balé que nunca olho e que estão enfileiradas lá no fundo. Pedacos de mim.

Quero me deitar na cama, debaixo das cobertas aconchegantes, e dormir para esquecer tudo.

Mas não dá para fazer isso porque Digby e Lucille estão ali, suas cabeças num emaranhado de ruivo e de louro. Salto entre eles para separá-los e acordá-los, mas atravesso o ar e caio no chão. Repito o movimento mil vezes. Quando tento passar pelos dois, há uma espécie de ondulação gelatinosa, mas eles continuam dormindo.

Será que sou um fantasma?

Isso seria tão legal. Acho que triste também, mas eu daria uma excelente assombração. Ia enlouquecer as pessoas.

É importante encarar a realidade, mas, para fazer isso, a pessoa tem que saber o que é realidade. Tem que saber, por exemplo, se ela ao menos é uma pessoa de verdade; por isso resolvo tentar de novo, embora já esteja ficando de saco cheio dessa história toda. Grito bem na cara deles, pulo na cama. Dou uma olhada à minha volta, procurando algum sinal de vida após a morte, algum sinal de outras entidades fantasmagóricas. Meio que espero ver minha avó sentada perto da janela, fumando um cigarro e me dizendo, entre baforadas, que está na hora de eu ir com ela para a luz.

Não tem luz nenhuma. Também não tem nenhuma avó. Só essa versão parcial de mim, de Digby e de Lucille.

Subo na cama e apoio a cabeça nas mãos. Não estou cansada, nem com fome. Nem mesmo estou com raiva. Não estou nada. Adoraria estar com meu celular.

A boca do meu irmão está escancarada e ele ronca a cada três respirações. Depois de ficar observando os dois por tempo suficiente



para surgirem e desaparecerem várias civilizações e para eu começar a tentar descobrir como seguir adiante estando morta, Lucille acorda como se estivesse nadando até a consciência, partindo de um ponto bem distante, com o cabelo claro preso num coque, o rosto amassado e marcado pelas dobras da fronha, os olhos pesadamente semicerrados. Sorri para mim de um jeito preguiçoso, ainda cheia de sono.

Vou me aproximando bem devagar, não quero assustá-la e nem sei se ela consegue me ver. Quero lhe perguntar se estou morta. Chego perto e tento abraçá-la, mas passo por ela e pela parede e, de repente, antes mesmo de perceber o que está acontecendo, estou ao lado de minha mãe como se Lucille tivesse se distanciado.

Minha mãe está vestida da cabeça aos pés, deitada de bruços em seu colchão de espuma, em lençóis de algodão cor de café com leite. Acho que está dormindo, mas de repente ela geme, o rosto enfiado no travesseiro. Está chamando meu nome. Em sua mão direita ela segura uma foto minha numa moldura que eu mesma fiz, um troço de madeira muito mal pintado de verde. Na foto, estou de maria-chiquinha, sardenta, com um sorriso meio torto e os dentes encavalados e com janelinhas. Acho que as mães devem lamentar por cada versão dos filhos que deixa de existir, por cada dia que passou com eles e por cada dia que nunca virá.

Devo estar morta.

Não sei como me sinto a respeito, mas sei que não gosto de ver minha mãe tão arrasada pela minha ausência. Eu me debruço sobre o seu corpo esguio e rijo. Mas quando me pergunto se é ruim estar morta, mesmo tendo minha mãe perto de mim, a resposta é uma só.

Não.

Mamãe estremece violentamente, como se tivesse ouvido meus pensamentos, como se estivesse sob a ação contínua de um desfibrilador.

Ela faz uns ruídos animais, agarrando o travesseiro com os punhos cerrados. Seus sinais vitais estão parando.

Pisco.

Quietude.

Estou em lugar nenhum, num espaço vazio, cercada de branco por todos os lados.

Um botão de flor escuríssimo e aveludado brota das linhas da palma da minha mão pálida. À medida que vai se abrindo, as pétalas de ônix vão ondulando, e de seu miolo surgem umas gotas de orvalho amarelas e pegajosas que flutuam à minha frente, como se nada as prendesse e não houvesse gravidade.

Umaz vozes circulam ao redor e reconheço algumas. Identifico a de Reggie, um dos melhores amigos que já tive na vida. Ele está falando de biquínis, dizendo como escolher o modelo perfeito. De acordo com ele, eu não devo nem tentar usar fio-dental, por causa da minha bunda vergonhosamente achatada. Aí me lembro de uma vez, quando tínhamos 5 anos e eu chorei loucamente porque não íamos para a mesma turma do jardim de infância. Reggie chorou também. E criamos tanto caso com essa história que nossos pais pediram à escola que nos pusessem juntos.

Uma pétala cai da flor e sai flutuando, bem como um rastro de pânico.

A voz da minha mãe, baixa e trêmula.

*Mas se amo os teus pés é só porque andaram sobre a terra e sobre o vento e sobre a água até me encontrarem.*

Pablo Neruda.

Perco mais três pétalas.

Estou loucamente preocupada. Uma vida inteira de recordações com minha mãe bem diante de mim e não posso ignorá-las.

A Eden Jones dentro de mim se fecha como uma camisa de força enquanto o resto da flor cai da minha palma e desaparece.

Finalmente, minha Lucille fala. Sua voz não está trêmula.

– Acorde, Eden – diz ela. – Você vai acordar.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

